

# Um bom começo *Cred Ext*

Com a adesão dos bancos internacionais ao novo empréstimo-jumbo preterido pelo Brasil, produz-se o desafogo financeiro que era esperado após a aprovação do Decreto-lei 2.065. Os cálculos do Ministro Ernane Galvêas, de que cerca de setenta por cento dos 6,5 bilhões de dólares dos novos financiamentos já estão garantidos, fortalecem a certeza de que o país consegue, finalmente, chegar a bom termo no ano que já se incorporou à história como o mais difícil dos últimos tempos — ou o pior de todos.

Esse desafogo que acontecerá na economia brasileira a partir de agora tem aspectos internos e externos que precisam ser, sempre, realçados. No plano interno, é sabido que o 2.065 é um instrumento recessivo, na medida em que aumenta impostos, diminui salários e reduz a capacidade de investimentos. Mas a contrapartida é a queda da inflação, o que tornará a perda dos salários um fenômeno puramente nominal, e não real. Ao cair a inflação, dos incríveis duzentos por cento atuais ao ano para algo em torno de cinquenta por cento em 1984, é claro que o salário mantém ou até aumenta o valor real de compra, ao mesmo tempo em que o dinheiro, passando a valer mais, faz compensar a queda de investimentos das empresas.

É claro que tudo isso significa expectativas mais ou menos otimistas, que, entretanto, dependem da capacidade do Governo de gerir os efeitos do 2.065 para produzir de fato a esperada queda da inflação. E, além disso, da **performance** de outros instrumentos de política econômica já colocados nas mãos das autoridades do setor.

No plano externo, é preciso frisar que os banqueiros internacionais estão, na realidade, pouco se importando com os detalhes da política salarial brasileira. O que eles esperavam era o aval do Fundo Monetário Internacional ao conjunto da política econômica do Brasil. E esse aval, por sua vez, estava na dependência de que se aprovasse a reforma salarial, não tanto por exigência do FMI, como apregoam os equivocados, mas porque o próprio Governo brasileiro se encarregou de espalhar aos quatro ventos que sem a reformulação da política salarial seria impossível conter a inflação e obter aquele aval.

Se os recursos externos começam novamente a fluir para o país é porque os bancos privados estão confiantes no endosso do Fundo cujo diretor-geral receberá hoje em Washington a visita do Ministro do Planejamento, Delfim Netto, e de um diretor do Banco Central para os ajustes preliminares à reunião do FMI dia 18 — a última que realizará este ano.

Mesmo para os iniciantes em economia política, todavia, o anúncio de novos empréstimos e da quase certa aprovação do Fundo a nova política econômica do País representa um grande alívio, ao menos psicológico. Com uma inflação de treze por cento ao mês, gasolina a 445 cruzeiros o litro e filas de desempregados disputando vagas de qualquer emprego, é compreensível que o único sentimento popular seja o de esperança diante de melhores expectativas da economia para 1984.

Essas esperanças, entretanto, precisam ser acompanhadas, tanto da parte do Governo quanto da iniciativa privada, da certeza de que o trabalho e o aumento da produção e da produtividade continuam sendo as únicas formas realmente testadas de êxito econômico de uma nação. O ex-Ministro Mário Henrique Simonsen se encarregou de explicar esse mecanismo na CPI da Dívida Externa, inclusive prestando um grande esclarecimento à opinião pública, ao dizer que se o Brasil declarar moratória unilateral do seu débito, a comunidade financeira internacional perderá apenas dez por cento do total da dívida mundial. Mas fechará as portas a novos financiamentos ao Brasil, provocando a ruína total da economia nacional, cada vez mais dependente dos mercados externos e dos seus recursos.

Assim, o alívio que se produz no país como resultado da aprovação de novos créditos do empréstimo-jumbo e da concordância do FMI para a nova política não exclui o fato de ainda estar inteiramente sobre os ombros do Brasil a maior parte da responsabilidade pelo êxito do desenvolvimento econômico em 1984 e nos anos vindouros. O 2.065 representa um bom começo, uma forma de sacrifício de empresas e de trabalhadores. O êxito final, contudo, continuará dependendo dos mesmos fatores que fizeram a prosperidade de outros povos: trabalho, austeridade, produtividade. E competência.